

Violência no Namoro entre Adolescentes: Uma Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano

Dating Violence among Adolescents: A Bioecological Perspective of Human Development

Violencia en el Noviazgo entre Adolescentes: Una Perspectiva Bioecológica del Desarrollo Humano

La Violence dans les Relations Amoureuses chez les Adolescents : Une Perspective Bioécologique du Développement Humain

 10.5020/23590777.rs.v25i1.e14147

Thaís Afonso Andrade  

Doutora e Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Formação em Terapia Sistêmica de Indivíduo, Casal e Família pelo Hospital das Clínicas/UFPE. Psicóloga pela PUC Minas.

Marisa Amorim Sampaio  

Doutora e Mestra em Saúde Materno Infantil pelo Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira (IMIP), em Recife, PE, Brasil, com realização de Programa de Doutorado Sanduíche na Clínica Tavistock, em Londres, Inglaterra, Reino Unido; pós-doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Recife, PE, Brasil; docente permanente da UNICAP (graduação e pós-graduação em Psicologia Clínica), em Recife, PE, Brasil.

Véronique Donard  

Doutora em Psicopatologia Clínica pela Universidade Paris Diderot-Paris 7, em Paris, França; com pós-doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Recife, PE, Brasil. Mestra em Musicologia pela Universidade Paris IV-Sorbonne, em Paris, França. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da UNICAP, e Coordenadora da Linha de Pesquisa em Ciberpsicologia e Humanidades Digitais do mesmo PPG, Recife, PE, Brasil.

Priscilla Machado Moraes  

Doutora e Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife, PE, Brasil. Especialista em Saúde Mental pela Faculdade de Ensino Pio Décimo, Aracaju, SE, Brasil. Psicóloga Clínica pela Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju, SE, Brasil. Terapeuta de Família pela Associação de Terapia Familiar de Goiás (ATFAGO). Coordenadora e docente do Curso de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde do Centro Universitário UniEVANGÉLICA, Anápolis, Goiás, Brasil.

Resumo

A violência no namoro entre adolescentes é um fenômeno com alta prevalência e repercussões à saúde física e mental ao longo do desenvolvimento. Este estudo objetivou compreender as experiências de violência no namoro entre adolescentes, a partir da perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, por meio da inserção ecológica, realizada numa organização não governamental (ONG) na cidade do Recife/PE. Oito adolescentes entre 16 e 19 anos participaram de entrevistas semiestruturadas, concretizadas individualmente em dois encontros. As impressões e conversas informais com trabalhadores da ONG foram registradas no diário de campo. Os dados foram analisados segundo a técnica de análise de conteúdo temática, sob a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Os resultados indicam que: os adolescentes foram vítimas diretas e/ou indiretas de violência em microsistemas de desenvolvimento (familiar, escolar e bairro); a violência, em suas expressões psicológica, digital e física, foi frequente; apesar da espontaneidade ao verbalizar sobre as tipologias que mais ocorrem no namoro, os adolescentes nem sempre nomearam esse fenômeno como “violência”, o que parece reforçar a ideia de naturalização e legitimação desta, sugerindo uma dificuldade na construção de

contornos mais saudáveis nas relações; a pandemia esteve ligada ao aumento do uso da internet via celular para atividades escolares; o ciúme, a imaturidade e a impulsividade foram marcadores que justificaram e, ao mesmo tempo, foram usados na tentativa de resolução de conflitos no namoro. Recomenda-se o desenvolvimento de políticas públicas via ações preventivas e interventivas que considerem as várias expressões de violência no namoro.

Palavras-chave: adolescência, violência, namoro, Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

Abstract

Dating violence among adolescents is highly prevalent and has lasting consequences for physical and mental health across development. This study aimed to understand adolescents' experiences of dating violence from a bioecological perspective of human development. We conducted a qualitative study using ecological insertion at a non-governmental organization in the city of Recife, state of Pernambuco, Brazil. Eight adolescents aged 16–19 years participated in semi-structured interviews, each completed individually over two meetings. Impressions and informal conversations with nongovernmental organization staff were recorded in a field diary. Data were analyzed using thematic content analysis grounded in the Bioecological Theory of Human Development. The results indicate that adolescents were direct and/or indirect victims of violence within developmental microsystems (family, school, and neighborhood). Psychological, digital, and physical forms of violence were frequent. Although participants spoke spontaneously about the types of violence most common in dating relationships, they did not always label these experiences as “violence,” suggesting a process of normalization and legitimation that may hinder the construction of healthier relationship boundaries. The pandemic was linked to increased cell-phone-based internet use for school activities. Jealousy, immaturity, and impulsivity were cited both as justifications for aggression and as strategies used in attempts to resolve conflicts in dating relationships. We recommend public policies that promote preventive and interventional actions addressing the multiple expressions of dating violence.

Keywords: adolescence, violence, dating, Bioecological Theory of Human Development.

Resumen

La violencia en el noviazgo entre adolescentes es un fenómeno con alta prevalencia y repercusiones en la salud física y mental a lo largo del desarrollo. Este estudio tuvo como objetivo comprender las experiencias de violencia en el noviazgo entre adolescentes, desde la perspectiva bioecológica del desarrollo humano. Se trata de una investigación cualitativa, mediante la Inserción Ecológica, realizada en una organización no gubernamental (ONG) en la ciudad de Recife, Pernambuco (Brasil). Ocho adolescentes, con edades entre 16 y 19 años, participaron en entrevistas semiestructuradas, realizadas individualmente en dos encuentros. Las impresiones y conversaciones informales con los trabajadores de la ONG fueron registradas en un diario de campo. Los datos se analizaron según la técnica de análisis de contenido temático, bajo la Teoría Bioecológica del Desarrollo Humano. Los resultados indican que: los adolescentes fueron víctimas directas y/o indirectas de violencia en microsistemas de desarrollo (familiar, escolar y comunitario); la violencia, en sus manifestaciones psicológica, digital y física, fue frecuente; a pesar de la espontaneidad al verbalizar sobre las tipologías más comunes en el noviazgo, los adolescentes no siempre nombraron este fenómeno como “violencia”, lo que parece reforzar la idea de su naturalización y legitimación, sugiriendo una dificultad en la construcción de relaciones más saludables; la pandemia estuvo asociada al aumento del uso del teléfono móvil con fines escolares; los celos, la inmadurez y la impulsividad fueron marcadores que justificaron y, al mismo tiempo, fueron utilizados en los intentos de resolución de conflictos en el noviazgo. Se recomienda el desarrollo de políticas públicas a través de acciones preventivas y de intervención que consideren las diversas manifestaciones de la violencia en el noviazgo.

Palabras clave: adolescencia, violencia, noviazgo, Teoría Bioecológica del Desarrollo Humano.

Résumé

La violence dans les relations amoureuses chez les adolescents est un phénomène de prévalence élevée, entraînant des répercussions sur la santé physique et mentale tout au long de leur développement. Cette étude visait à comprendre les expériences de violence dans les relations amoureuses chez les adolescents, selon la perspective bioécologique du développement humain. Il s'agit d'une recherche qualitative, parmi l'approche écologique, réalisée dans une organisation non gouvernementale (ONG) à Recife (PE). Huit adolescents âgés de 16 à 19 ans ont participé à des entretiens semi-structurés, réalisés individuellement lors de deux rencontres. Les impressions et les conversations informelles avec les travailleurs de l'ONG ont été enregistrées dans le journal de terrain. Les données ont été analysées selon la technique d'analyse de contenu thématique, dans le cadre de la Théorie Bioécologique du Développement Humain. Les résultats indiquent que : les adolescents ont été victimes directes et/ou indirectes de violence dans les microsystèmes de développement (familial, scolaire et communautaire) ; la violence, sous ses formes psychologique, numérique et physique, était fréquente ; malgré la spontanéité à verbaliser sur les typologies qui surviennent le plus souvent dans les relations amoureuses, les adolescents n'ont pas toujours nommé

ce phénomène comme de la « violence », ce qui semble renforcer l'idée de naturalisation et de légitimation de celle-ci, suggérant une difficulté à établir des relations plus saines; la pandémie a été associée à une augmentation de l'utilisation d'Internet sur téléphone portable pour les activités scolaires; la jalousie, l'immaturité et l'impulsivité étaient des marqueurs invoqués pour justifier et tenter de résoudre les conflits dans les relations amoureuses adolescentes. Il est recommandé de développer des politiques publiques à travers des actions préventives et intervenantes qui prennent en compte les diverses expressions de la violence dans les relations amoureuses.

Mots-clés : *adolescência, violência, relação de casal, Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.*

O namoro é uma relação amorosa acordada entre o casal, vista em muitas culturas como uma etapa de experimentação para o amor (Sánchez et al., 2011). A intensidade das expressões físico-afetivas, como beijos, abraços e toques nas mãos e no corpo, oportuniza que as(os) adolescentes vivam novas situações nessa fase vital do ciclo, a qual ocupa um lugar privilegiado. Entretanto, alguns casais experimentam episódios de violência nas relações amorosas iniciais (Center for Disease Control and Prevention [CDC], 2021). Entre essas experiências, pode-se incluir o namoro vivenciado nas redes sociais, que representa tanto oportunidades para os jogos de sedução quanto riscos aos comportamentos de controle e vigilância (Andrade et al., 2020).

A violência no namoro pode ser compreendida como um padrão de comportamento abusivo utilizado para exercer poder e controle sobre a parceria – termo neutro usado neste estudo em substituição às palavras parceira ou parceiro no âmbito da relação amorosa (*Love is Respect*, 2019). Os comportamentos violentos exercidos de diferentes maneiras possibilitam o ganho, a manutenção do poder e o controle de uma pessoa sobre outra. Qualquer adolescente pode se envolver em uma relação séria ou casual violenta, independente da sua identidade de gênero, orientação sexual, posição socioeconômica, raça, religião ou cultura (*Love is Respect*, 2019).

Na literatura internacional, principalmente nos Estados Unidos, são frequentes e consolidados os estudos sobre o fenômeno (Bonell et al., 2023; DeGue et al., 2020). Dados da pesquisa *Youth Risk Behavior Survey and the National Intimate Partner and Sexual Violence Survey* (Basile et al., 2020), desenvolvida anualmente com adolescentes norte-americanos, indicam que um em cada 11 adolescentes do gênero feminino e cerca de um em cada 14 estudantes do gênero masculino, do ensino médio, relatam ter experimentado violência física no namoro no ano anterior à realização do estudo (Basile et al., 2020). A violência nas relações amorosas – namoro e “ficar” –, entre adolescentes, vem recebendo uma atenção crescente no cenário acadêmico brasileiro. Essa visibilidade teve início com a pesquisa desenvolvida entre os anos 2007 e 2009 com 3.600 adolescentes entre 15 e 19 anos, em dez capitais brasileiras, revelando dados alarmantes sobre o fenômeno: a maioria das moças e dos rapazes (76,6%), simultaneamente, perpetra e sofre vários tipos de violência no relacionamento: física (64%), psicológica (96,9%) e sexual (83%) (Oliveira et al., 2011).

A perspectiva teórica adotada neste artigo é a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH). O aporte teórico se mostra oportuno para a compreensão ampliada da violência no namoro, pois promove o entendimento contextualizado e multifatorial. A TBDH defende que o desenvolvimento humano é compreendido a partir da interdependência e interações recíprocas ao longo de gerações entre a pessoa e seu ambiente. Bronfenbrenner (2011) propõe que os processos psicológicos humanos não são apenas propriedades da pessoa, mas um conjunto de sistemas interdependentes no qual o sujeito está inserido. A TBDH passou por diversas modificações ao longo de 40 anos até alcançar a sua forma mais madura com os quatro componentes do modelo: processo – pessoa – contexto – tempo (PPCT).

Os processos proximais são as interações que acontecem entre a pessoa e o contexto, do mais imediato ao mais distante, de forma recíproca, duradoura e bidirecional. Conforme suas características, podem gerar resultados designados como efeitos de competência, representados pela aquisição de conhecimentos e habilidades sociais; ou como efeitos de disfunção, identificados por dificuldades na manutenção e integração do comportamento (Bronfenbrenner & Morris, 2006; Paludo et al., 2021; Rosa & Tudge, 2017).

A pessoa se relaciona às características biológicas, psicológicas e sociais (biopsicossociais) individuais que influenciam o engajamento nos processos proximais. Há três atributos da pessoa que interferem no curso do desenvolvimento. O primeiro diz respeito às disposições/forças que podem ser consideradas geradoras: aquelas que influenciam o desenvolvimento dos processos proximais; ou desorganizadoras, que dificultam a manutenção dos processos proximais. O segundo atributo, os recursos, inclui características biopsicológicas da pessoa que influencia a sua capacidade de se envolver de modo efetivo nos processos proximais (Bronfenbrenner, 2011; Paludo et al., 2021). Os recursos podem ser ativos – aumentam as possibilidades construtivas ao longo do curso da vida – ou passivos – condições que limitam a integridade funcional do organismo (Bronfenbrenner & Morris, 2006; Rosa & Tudge, 2017). A demanda é o terceiro atributo da pessoa e apresenta potencial para convidar ou desencorajar reações de pessoas no contexto social e pode fomentar ou interromper os processos proximais (Bronfenbrenner, 2011; Lordello & Costa, 2015).

O contexto, terceiro componente do modelo bioecológico, refere-se às interconexões entre e dentro dos quatro sistemas do ambiente ecológico: microssistema (ambiente mais imediato em que a pessoa em desenvolvimento está inserida num complexo de inter-relações); mesossistema (relação entre microssistemas); exossistema (ambiente em que a pessoa não está presente, porém, há fatos que influenciam o seu desenvolvimento); e macrosistema refere-se à subcultura ou cultura, organização social e sistemas de crença de uma determinada sociedade (Bronfenbrenner, 2011; Nunes & Moraes, 2018).

Tempo ou cronossistema, quarto e último componente do modelo, trata da influência do momento histórico em que os outros sistemas estão situados, além de comportar as mudanças do próprio indivíduo em sua história de vida. É dividido em: a) microtempo – continuidade e descontinuidade de episódios frequentes dos processos proximais; b) mesotempo – periodicidade desses episódios por amplos intervalos como dias e semanas; c) macrotempo – mudanças em eventos na sociedade dentro e por meio das gerações, além da história de vida (Bronfenbrenner, 2011).

O fenômeno da violência no namoro é apontado como uma questão de saúde pública que requer investigação no sentido de aprofundar o conhecimento na prevenção e na intervenção desse problema social, que incide nas relações amorosas de milhares de adolescentes (Basile et al., 2020). Estudos na área da saúde pública ancorados nessa abordagem são indicados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), no sentido de compreender a natureza complexa e multifatorial da violência (Dahlberg & Krug, 2006). São recomendadas, ainda, estratégias de prevenção e intervenção relacionadas à violência no namoro, baseadas no modelo ecológico, por colocar em evidência a inter-relação de aspectos pessoais, relacionais, contextuais e o tempo histórico, que podem estar associados com a ocorrência do fenômeno, fortalecendo a ideia de causalidades múltiplas (DeGue et al., 2020; Borges et al., 2020; Rey-Anacona & Martínez-Gómez, 2021; Sanhueza et al., 2022). Desse modo, este artigo objetiva compreender as experiências de violência no namoro, entre adolescentes, a partir da perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano.

Método

Foi desenvolvida uma pesquisa de natureza qualitativa como parte de uma tese de doutorado, por meio da Inserção Ecológica (IE) (Koller et al., 2020), que envolve a sistematização dos quatro aspectos da TBDH: processo, pessoa, contexto e tempo (PPCT). Essa etnometodologia (Souza et al., 2022) visa a inserção do pesquisador no ambiente de realização da pesquisa, que ocorreu em um microssistema de desenvolvimento: uma organização não governamental (ONG). A IE foi desenvolvida com foco em cinco aspectos imprescindíveis (Koller et al., 2020): i) engajamento de participantes e pesquisadora em uma atividade; ii) presença sistemática da pesquisadora por período de tempo estendido; iii) realização de atividades sucessivamente mais complexas; iv) reciprocidade nas relações; v) foco em tema que estimule o interesse dos participantes e pesquisadores como a atenção, exploração e imaginação.

A ONG onde a IE aconteceu é uma organização da sociedade civil de direito privado, do segmento da assistência social, criada no ano de 2006. Localiza-se na cidade do Recife/PE e atende crianças e adolescentes de 0 a 18 anos. As(os) adolescentes frequentam a instituição no turno oposto ao horário escolar, além de receberem duas refeições diárias para a garantia da segurança alimentar. Dentre as atividades oferecidas, destaca-se a formação socioprofissional por meio de cursos livres e técnicos voltados à iniciação profissional de adolescentes a partir dos 16 anos e jovens em sua primeira experiência de emprego. A ONG, que não trabalhava o tema da violência no namoro em suas atividades, foi escolhida por conveniência (facilidade de acesso).

Com a pandemia da COVID-19, as atividades com as(os) adolescentes estavam suspensas na ONG; apenas atividades administrativas, distribuição de alimentos e produtos de higiene foram mantidas. A ONG permitiu que a IE fosse desenvolvida durante o mês de outubro de 2020, com visitas diárias da pesquisadora, mediante rígidos protocolos sanitários.

Os contatos com as(os) adolescentes ocorreram de modo individual, no jardim da ONG, garantindo o distanciamento físico e o sigilo. Destarte, três adolescentes foram entrevistados por dia, em sessões de aproximadamente 1h e 30 minutos, em uma ou duas rodadas, de acordo com o modo como cada um(a) respondeu às atividades da pesquisa.

Participantes

Participaram da pesquisa oito adolescentes entre 16 e 19 anos – quatro mulheres e quatro homens, segundo os critérios: idade entre 15 e 19 anos; mulheres e homens; estar namorando/ter namorado anteriormente. Foram excluídos os que residiam ou tinham residido com a(o) namorado(a). O término da captação por novos sujeitos atendeu ao critério de saturação – reincidência e complementaridade das entrevistas – (Minayo, 2014; Turato, 2008). A Tabela 1 apresenta os dados sociodemográficos e uma breve contextualização dos participantes da pesquisa.

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica e relações amorosas

Nome/ Idade	Escolaridade	Configuração familiar	Quem trabalha	Relação amorosa atual	Relação amorosa anterior
Adélia Prado 18 anos	3º E.M.	Mãe e irmã	Adélia (menor aprendiz) e mãe (cuidadora de idoso)	Luís, 28 anos/ três meses	Moisés, 19 anos/ Dois anos e cinco meses
Carolina de Jesus 17 anos	1º E.M. EREM*	Mãe e irmã	Mãe (empregada doméstica)	“Ficando”	Antônio, 21 anos/17 dias Jonas, 19 anos/ dois anos
Conceição Evaristo 18 anos	2º E.M.	Mãe, tio e dois irmãos	Conceição (menor aprendiz), irmão (trabalho - informal)	-	Lucas, 18 anos/ dois anos João, 16 anos/ três meses
Fernando Sabino 17 anos	2º E.M. EREM*	Pai adotivo, avô adotivo e dois primos	Pai (educador social) e avô (aposentado)	“Ficando”	Cecília, 16 anos/ Quatro meses
Guimarães Rosa 19 anos	Ensino Médio Completo – EJA	Mãe, padrasto, três irmãos, duas irmãs e um sobrinho	Mãe (empregada doméstica) e irmão (área de refrigeração)	-	Grazi, 18 anos/ Dois anos
João Cabral 18 anos	2º E.M. EREM*	Mãe, padrasto e uma irmã	Mãe (autônoma)	Francis, 15 anos/ 04 meses	Valentina, 17 anos/ Um ano e sete meses
Lenine 16 anos	2º E.M. EREM*	Mãe, pai, irmã, duas sobrinhas e um sobrinho	Mãe (cobradora de ônibus); irmã, e pai e (trabalhos informais)	Ficando”	Yolanda, 14 anos /Dois anos
Lia de Itamaracá 18 anos	Ensino médio completo EREM*	Avó e dois irmãos	Irmão recebe benefício BPC**	Roberto, 21 anos/ Mais de dois anos	-

*Escola de Referência do Ensino Médio com turno integral. **Benefício de Prestação Continuada.

A maioria dos adolescentes estava namorando, “ficando” ou já “ficou” por mais de três meses; é criada pela figura materna, ou seja, família monoparental (5) – três delas pela mãe biológica, uma pela avó e uma pelo pai adotivo – além de estar inserido em família recasada (2) e família nuclear (1). Essas famílias compartilham situações de desemprego, pobreza, condições de moradia precária, mortes precoces de pessoas próximas, além de figuras familiares significativas com dependência alcoólica e abuso de drogas, como cocaína. As(os) adolescentes pesquisadas(os) residem em um bairro com mais de 10 mil habitantes. O local é marcado por intensas atividades ligadas ao tráfico de drogas e, por isso, são frequentes os tiroteios entre polícia e traficantes.

Instrumentos

- *Questionário biossociodemográfico*: elaborado pelas autoras com dados pessoais dos participantes, como idade, sexo, escolaridade, religião, configuração familiar, com quem reside, tempo de namoro, nome e idade parceria amorosa e trabalho.
- *Diário de campo*: registro dos processos proximais entre os participantes e a pesquisadora, além dos relatos resultados de conversas informais com diversos funcionários da instituição, que visaram contextualizar e auxiliar na compreensão do campo da pesquisa. O diário de campo incluiu também leituras informais do campo (sentimentos, dúvidas, dificuldades, felicidades) e ações da pesquisa (descrições, relatos, decisões e análises breves).
- *Entrevista individual semiestruturada*: a entrevista buscou aprofundar a temática da Violência no Namoro (VN) entre as(os) adolescentes, com os seguintes eixos: como namoram; concepção de violência e violência no namoro; possíveis experiências de violência no namoro atual ou passado; estratégias adotadas diante de episódios de violência; influências do contexto (bairro, trabalho, escola, ONG, familiares e amorosas).
- *Questionário “Conhecendo as Relações de Namoro”*: respostas tipo sim ou não, totalizando 24 comportamentos que avaliam a ocorrência das seguintes tipologias de violência: física, digital, psicológica e sexual, com seis questões referentes a cada tipo de violência. A(o) participante foi convidado a expressar mais detalhadamente a resposta exemplificando situações que já tivessem ocorrido ou ainda ocorrem. Objetivou oferecer espaço para reflexão de

forma simples, sobre diversos comportamentos abusivos que, na maioria das vezes, são naturalizados e tomados como parte integrante dos relacionamentos amorosos entre adolescentes. Foi elaborado com base em artigos que compuseram a revisão sistemática de Andrade et al. (2020) e na escala *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI) (Minayo et al., 2011).

- *Busca Palavras*: a(o) adolescente foi convidado a selecionar entre 24 palavras elencadas quais não poderiam faltar em um relacionamento saudável. Esse instrumento – elaborado baseado nos apontamentos sobre relações saudáveis das instituições *Love is Respect* (2019) e *One Love Foundation* (2020) – buscou conhecer o que as(os) adolescentes compreendem sobre relações saudáveis de namoro.

Procedimentos

Totalizaram-se 16 visitas, distribuídas de segunda a quinta-feira, das 9h às 16h. Cada encontro individual com as(os) adolescentes durou, aproximadamente, 1h e 30min. Também foram realizadas observações e conversas informais – registradas no diário de campo, com educadoras(es) sociais, cozinheiras, auxiliar de serviços gerais, coordenadora pedagógica e gestor – as quais buscavam contextualizar e auxiliar na compreensão dos conteúdos abordados nas entrevistas, conhecer a relação entre as famílias das(os) adolescentes com a instituição, bem como outras informações sobre a comunidade.

Por conta do cenário pandêmico, o contato inicial para a marcação da primeira rodada da entrevista foi realizado pela(o) educadora(or) social que, por sua vez, forneceu para as(os) interessadas(os) dados iniciais do estudo como: tema, os objetivos da pesquisa e a realização em duas etapas. O segundo encontro foi agendado diretamente pela pesquisadora. As(os) participantes escolheram o horário que melhor se adequava, levando em consideração as atividades escolares on-line, além de outros compromissos, como trabalhos informais.

As adaptações impostas pela pandemia não foram regras que impediram a expressão de sentimentos que vieram à tona quando houve a verbalização de temas que suscitaram olhos marejados, risos soltos e espontâneos. Observou-se que a comunicação com os olhos pode também ser a forma mais genuína e respeitosa de conexão com a história do outro. A IE foi indispensável para que as interpretações realizadas diante das narrativas exploradas estivessem em consonância com a percepção das(os) adolescentes, cooperando com a validade ecológica do estudo (Souza et al., 2022).

Procedimentos Éticos

Foram seguidas as orientações da Resolução 466/12 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, CAAE: 24624619.7.0000.5206. Como garantia de sigilo da identidade, as(os) participantes receberam nomes fictícios. O TCLE (para pais/ responsáveis e adolescentes com mais de 18 anos) e o TALE (adolescentes com menos de 18 anos) foram cuidadosamente escritos e pensados para assegurar aos participantes o direito de, a qualquer momento, desistir de ser voluntário na pesquisa, sem sofrer nenhum prejuízo.

Análise de Dados

A constituição do *corpus* considerou a familiaridade com o fenômeno e o aprofundamento da temática, a partir do material das entrevistas. As anotações do diário de campo (elementos das conversas informais) foram analisadas – individual e coletivamente – por meio de discussões entre os membros da pesquisa. Buscou-se a representatividade dos significados, a ampliação e o aprofundamento das interpretações, mediante o debate entre as pesquisadoras, com vistas à troca de impressões e informações.

A partir das categorias analíticas, por meio da triangulação dos instrumentos de pesquisa e de pesquisadoras, foram identificadas as categorias empíricas, interpretadas conforme a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 2011). Nesse processo, as entrevistas, também compostas pelo questionário “Conhecendo as Relações de Namoro” e o “Busca Palavras”, foram trianguladas com o questionário biosociodemográfico e o diário de campo, analisados sob diferentes olhares (pesquisadora de campo e três pesquisadoras orientadoras). A triangulação visou analisar os dados obtidos mediante essas diferentes fontes, com conclusões baseadas no todo, aprofundando e trazendo mais auditabilidade e credibilidade sobre os fenômenos centrais em análise na pesquisa, para validar ou ampliar as interpretações. Por fim, foi utilizada a análise temática de conteúdo, que privilegiou a inter-relação entre os núcleos processos – pessoa – contexto – tempo (Bronfenbrenner, 2011), mediante a pré-análise, organização do material, análise e interpretação dos dados (Minayo, 2014).

Resultados e Discussão

As(os) adolescentes desta pesquisa tiveram suas relações amorosas iniciais nos microssistemas escola e bairro, redes sociais – *Facebook* e *Instagram* – e entre amigos. Como relataram que conheceram os(as) namorados(as) ou “ficantes”

no próprio bairro ou na escola, tal proximidade geográfica favoreceu a continuidade da relação durante a pandemia da COVID-19 de forma presencial, frequentando a casa um do outro. Nesse cenário, verificou-se que não houve aumento da utilização dos aplicativos de trocas de mensagens, como *WhatsApp*, para manter o contato com a parceria por conta do isolamento social no ano de 2020.

Todas(os) adolescentes haviam sido, direta ou indiretamente, expostos à violência nos microssistemas familiar, escolar ou no bairro, aspectos contextuais evidenciados na literatura como fator de risco relacionado à violência no namoro (Rey-Anacona & Martínez-Gómez, 2021). Mesmo diante de contextos adversos, há, por parte delas e deles, um otimismo em relação ao futuro, nomeadamente, casar-se, ter filhos e trabalho, além da capacidade de enfrentamento das adversidades que a vida lhes impôs. Foi possível perceber a mobilização positiva das(os) participantes e trabalhadores no tocante à temática que, segundo eles, é nova, atual e necessária, sobretudo para instituições que trabalham com a população nessa faixa etária.

As verbalizações destacam satisfação quanto a ser um(a) beneficiário(a) da ONG e esta ser um espaço que promove bem-estar, segurança e relações satisfatórias entre as(os) adolescentes, os(as) educadoras(es) sociais, a coordenadora e a gestão da instituição e suas famílias. Compreendeu-se que a relação mesossistêmica família-ONG pode ser considerada um fator de proteção para as(os) adolescentes.

A seguir, são apresentadas e discutidas cinco categorias: o namoro para as(os) adolescentes; concepção de violência no namoro; episódios de violência no namoro; entendimentos sobre namoro saudável; aprendizagens e influências positivas das relações amorosas.

O Namoro para (as)os Adolescentes

A narrativa das(os) participantes sobre o que é namorar possibilitou compreender que essa é uma fase da relação amorosa com exclusividade da parceria, que antecede ao casamento e o início da própria família, aspectos que são perpassados por elementos macrossistêmicos. A literatura refere que o namoro subtece relações socioculturais construídas que se ligam às regras estabelecidas como fidelidade, monogamia e, principalmente, encontros constantes entre a parceria. Abordar o namoro implica conhecer os sentidos que as(os) adolescentes atribuem às suas relações amorosas no contexto social que pertencem (Sánchez et al., 2011). Para alguns deles, primeiro é preciso “ficar” para conhecer a pessoa e depois assumir um relacionamento mais sério, sendo o namoro uma etapa com vistas ao matrimônio: “namoro pra mim é base, você namora, pra depois você casar e ter sua família (...) você vai ficando pra depois namorar” (João Cabral, 18 anos). “Pra mim, tem três fases que é: namoro, noivado e casamento. Então, pra você chegar no casamento você vai ter que passar pelas duas primeiras fases” (Conceição Evaristo, 18 anos).

Para duas adolescentes, o tempo do relacionamento (cronossistema), a frequência regular de encontros e a exclusividade da parceria não foi algo que condicionou denominar de namoro o envolvimento amoroso. Para um casal, passar do “ficar” para o namorar muitas vezes não é algo marcado, mas que ocorre naturalmente, até o momento em que os dois confirmem que estão namorando. A literatura aponta também o ficar “ficando” como mais uma modalidade de relação amorosa entre adolescentes (Barth et al., 2017).

Uma das adolescentes destacou uma traição que descobriu no primeiro namoro, o que fez com que tivesse dificuldades de “confiar nos homens”, indicando a possibilidade de evitar novos relacionamentos amorosos (insegurança), reforçados pela traição. Mesmo salientando características desorganizadoras (Bronfenbrenner, 2011; Paludo et al., 2021; Rosa & Tudge, 2017), como insegurança e dificuldade de estabelecer confiança, aspectos que poderiam comprometer o engajamento nos processos proximais, identificou-se uma disposição para novas relações amorosas. Segundo assinalam Nunes e Morais (2018, p. 290), “as características da pessoa não são estáticas e podem ser transformadas, ainda que esteja submetida a condições adversas”.

Concepção de Violência no Namoro

As(os) adolescentes nomearam como violência no namoro as características das tipologias física – uso intencional da força com o objetivo de causar medo e possíveis lesões – e psicológica – ameaçar, insultar e prejudicar a autoestima da parceria. Na concepção deles, a violência psicológica é aquela que mais comumente ocorre em concordância à prevalência no cenário internacional (Peralta et al., 2019) e nacional (Borges et al., 2020), como em comportamentos de controle de roupas, amizades, xingamentos e desqualificação da parceria.

A violência psicológica é evidenciada como uma estratégia de resolução de conflitos nas relações amorosas que pode comprometer o bem-estar da parceria, podendo se tornar padrões relacionais de enfrentamento de conflitos ao longo do desenvolvimento. Lapierre et al. (2019) sugerem que programas de prevenção precoce ou intervenção intensiva que visam à promoção de habilidades – para comunicar necessidades, medos, vulnerabilidades e compartilhamento de intimidade – seriam particularmente benéficos na adolescência, pois podem ser habilidades aprendidas e desenvolvidas: “Não só violência física, mas também a pessoa se sentir como seu dono. Quer controlar tudo que você faz e tudo o que veste. O que acontece mais é o controle e esse negócio de xingamento” (Carolina de Jesus, 17 anos). “É forçar algo que a mulher

não quer. Tem a física e a violência psicológica, tipo o homem rebaixar a mulher, dizendo que ela não serve, que ela não presta” (Guimarães Rosa, 19 anos).

Apesar da espontaneidade verbalizada sobre os tipos de violência que mais ocorrem no namoro, o conhecimento por si só parece não ser suficiente para evitar a sua ocorrência nos relacionamentos, podendo, assim, ser considerado uma força desorganizadora que não contribui com a formação de competências para o manejo de um namoro abusivo (Souza et al., 2022). Outro ponto relevante é que a naturalização e a legitimação de tais comportamentos tornam o seu reconhecimento difícil.

As adolescentes são mais vítimas desse tipo de violência, que perpassa o controle das vestimentas e de seus corpos (Martínez-Gómez et al., 2021; Souza et al., 2022), reforçando os comportamentos tradicionais dos papéis de gênero que atribui uma percepção desigual quanto às condutas socialmente atribuídas a homens e mulheres, correlacionando-se de forma significativa às violências exercidas e sofridas. Para Flach e Deslandes (2021), trata-se de uma conformação que ainda se encontra assentada no cotidiano das relações sociais. No entanto, tais convicções permanecem em constante disputa com outras mais emancipatórias.

Determinados comportamentos, relacionados à preocupação com a autoimagem, foram identificados nas narrativas tanto de mulheres quanto de homens. Destacou-se, especialmente, o cuidado com o cabelo como forma de aumentar a atratividade, evidenciando características pessoais de comportamento que parecem fomentar os processos proximais. A demanda é um atributo individual que se refere aos aspectos mais visíveis, capazes de instigar reações do contexto social (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

Episódios de Violência no Namoro

Para certos participantes, o primeiro namoro não foi tido como uma experiência positiva, pois foi atravessado por situações de traição e episódios de violência. “Graças a Deus, não estou namorando” (Conceição Evaristo, 18 anos); “Eu pensava que era uma coisa, mas não era tão do jeito que eu pensava” (Fernando Sabino, 17 anos). As relações de namoro iniciais apresentam novos desafios que, combinados com expectativas idealizadas, podem causar conflitos e estresse, levando as(os) adolescentes a adotar vários comportamentos para manter o relacionamento (Lapierre et al., 2019). No entanto, apesar desses relatos, as(os) adolescentes se mostraram dispostos a conhecer novas pessoas, preferencialmente nos relacionamentos mais efêmeros, como o “ficar”.

A violência digital – ato intencional de controlar, ameaçar, humilhar e insultar a imagem da parceria, incitar constrangimento e perseguição por meio do uso dos dispositivos eletrônicos, como celular e *tablet* conectados à internet (Andrade et al., 2020) – foi identificada nas relações amorosas mesmo sem o uso literal desse termo pelos participantes. Foi possível inferir que parecem comportamentos naturalizados entre as(os) adolescentes, que resultam em conflitos, estresse, invasão de privacidade digital. Essas ações são vistas, na maioria dos casos, como sinônimo de confiança e controle da fidelidade, motivados pela insegurança no manejo da relação amorosa.

Talvez por ser uma expressão de violência contemporânea e que apenas recentemente começou a receber atenção tanto no meio acadêmico quanto na sociedade (Andrade et al., 2020; Flach & Deslandes, 2021), as(os) adolescentes ainda não conseguem diferenciar essa das outras expressões de violência. Todavia, relatam que o controle do celular, ainda que escondido ou não da parceria, é algo que pode revelar algum segredo relacionado com uma possível infidelidade real ou imaginária, inspecionando os contatos, as ligações realizadas e recebidas, além das mensagens. Outros comportamentos incluem: checar a localização da parceria por meio de várias ligações durante o dia; controlar a prontidão da parceria para responder mensagens seguidas, provocando desconforto, e curtir a foto de uma pessoa do gênero oposto, ainda que conhecida.

Todos esses comportamentos podem ser compreendidos como forma de exercer poder e controle sobre a parceria, bem como são confirmados na literatura no âmbito da violência digital como comportamentos de controle e monitoramento das atividades on-line (Andrade et al., 2020). Estar em um relacionamento amoroso parece ser visto por algumas parcerias como um suposto direito à invasão da individualidade, intimidade e privacidade, fazendo com que esses aspectos, tão caros à construção de relações amorosas saudáveis, passem despercebidos. A dinâmica dos comportamentos de controle – monitorar, controlar e vigiar – no namoro pode resultar, para muitas pessoas, em vivências constantes de “desassossego” e inquietação (Lucio-López & Pietro-Quezada, 2014).

Eu ficava ligando pra saber onde ela tava. E ela me pedia para ver os contatos do meu zap (...) eu era muito ciumento, daí eu só via o nome dos contatos para ver se tinha algum nome carinhoso salvo. (Guimarães Rosa, 19 anos)

Uma vez eu peguei uma conversa dele no celular com uma menina. A gente imagina mil coisas, mas às vezes é tão simples. Eu briguei com ele, quase que eu matava. Eu fico investigando, quando ele tá botando a senha eu olho um número e de repente eu já sei a senha toda. (Lia de Itamaracá, 18 anos)

O desenvolvimento de ações preventivas voltadas para o uso responsável e mais positivo das tecnologias digitais, no contexto das relações amorosas entre adolescentes, pode ser um caminho para o enfrentamento desse fenômeno (Andrade

et al., 2020). Em termos de exossistema, a *Safernet Brasil*, uma associação civil de direito privado, com atuação nacional, vem desenvolvendo campanhas especialmente direcionadas para adolescentes, buscando fomentar o uso consciente, ético, responsável e seguro da internet por meio do seu site (www.safernet.org.br) e pelo *Instagram* (@safernetbr).

Foram identificadas nas dinâmicas relacionais íntimas das(os) participantes: o controle das amizades (off-line e on-line); agressões físicas como aperto no braço; bater na parede como forma de expressar a frustração e a raiva; xingamentos; controle do vestuário, especialmente para com as adolescentes do gênero feminino; desentendimentos que resultam na quebra de objetos e ameaças constantes de terminar o relacionamento para obter controle do comportamento da parceria.

A violência bidirecional, ou mútua (Martínez-Gómez et al., 2021), foi identificada nas relações íntimas das(os) participantes, apresentando-se com tipologias e em momentos diferentes na dinâmica da relação do casal. Em alguns casos, foi possível compreender que a violência unidirecional se tornou bidirecional, configurando um padrão de resolução inadequado de conflitos.

Um namorado impedia que eu saísse com meus amigos (...) o outro namorado não gostava de um amigo meu e pedia pra eu me afastar porque ele não prestava (...) E eu não gostava da ex-namorada, ela não ia com a minha cara e eu não ia com a dela (...) eu já quebrei uma corrente de um namorado (risos), porque eu tava estressada com ele. (Carolina de Jesus, 17 anos)

A minha ex-namorada dava murro na parede, nas brigas, eu ficava assustado. Eu não conseguia conversar com ela. Ela mandava tomar naquele canto (...) era uma gritaria se eu falasse: “eu vou ali com os meninos”, ela dizia: “Se tu for, a gente, acaba agora mesmo”. Eu também já fiz isso com ela, porque tipo era direitos iguais. Ela fazia, eu fazia. (João Cabral, 18 anos)

O ciúme, a imaturidade, o estresse, a impulsividade e a insegurança foram ressaltadas pelas(os) adolescentes como comportamentos que eliciam episódios de violência. Salienta-se que a crença no amor romântico abrange a ideia do ciúme como uma demonstração de amor, cuidado e tratamento atencioso, fortemente partilhado na sociedade, produzido e baseado em estereótipos de gênero, que atravessa as relações íntimas de mulheres e homens (Martínez-Gómez et al., 2021). Entretanto, esse pode ser um aspecto que legitima e justifica comportamentos de controle sobre a parceria.

Esses comportamentos das(os) adolescentes descritos acima parecem se apresentar como possível dificuldade no controle das emoções, o que denota uma característica desorganizadora da pessoa na manutenção de um relacionamento saudável e até mesmo o rompimento do ciclo de comportamentos violentos no âmbito da relação amorosa. Também foi possível verificar tais atributos desorganizadores no casal, uma vez que se mostram presentes nas primeiras experiências com as relações íntimas e na concretização do vínculo do “ficar” para o namorar, muitas vezes mostrando recursos ainda a serem desenvolvidos, além de baixa autoestima para lidar com aspectos requeridos nas relações (Leme et al., 2016; Lordello & Costa, 2015).

Nessa fase desenvolvimental, o interesse e a materialização das primeiras parcerias amorosas surgem marcadas pela descoberta do prazer, proporcionada pelos toques íntimos, e que, geralmente, são acompanhadas por emoções, como ciúmes, ansiedade, frustração, desapontamento e confusão relacionados aos seus próprios sentimentos. Assim, parece que os recursos biopsicológicos ativos que se referem a conhecimentos e habilidades necessárias para o funcionamento dos processos proximais (Bronfenbrenner, 2011) podem se apresentar pouco eficazes, diminuindo as possibilidades de uma relação amorosa construtiva.

Em contrapartida, as disposições/forças organizadoras e recursos biopsicológicos ativos (Bronfenbrenner & Morris, 2006), vistos no reconhecimento de comportamentos abusivos por algumas adolescentes, reforçam a ação transformadora da pessoa com vistas a romper o ciclo de violência, posicionando-se de forma ativa em prol de relações proximais mais saudáveis:

Quando ele falou da minha roupa e pegou no meu braço, eu já achei estranho. Ele pediu desculpas: “eu tenho muito medo de perder a pessoa”. Aí eu fiz: “mas desse jeito você vai perder. Ninguém quer viver num relacionamento a qual você tá toda hora falando da roupa e que não quer ela com os amigos”. (Carolina de Jesus, 17 anos)

Eu gosto de roupas apertadas que marque isso aqui meu (pega nos quadris). Ele não gostou, e eu: “tá bom, se você quiser a gente vai sair assim, se você não quiser, eu fico em casa, porque eu não vou trocar de roupa por causa de um querer seu”. (Lia de Itamaracá, 18 anos)

Os processos proximais influenciam o desenvolvimento, variando de maneira articulada com as características da pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2011), e não devem ser tidos como estáticos, determinantes, universais ou unidirecionais (Nunes & Morais, 2018; Rosa & Tudge, 2017). Ao analisar tais relatos sob a lente da TBDH, foi possível observar que estes pareceram mostrar mais efeitos de disfunção que competência. A relação violenta é considerada uma disfunção (Carvalho-Barreto et al., 2009; Paludo et al., 2021), pela dificuldade da parceria diante da imposição de poder e controle de um para o outro, exemplificada sob as variadas tipologias de violência, como a psicológica, a digital e a física, todas identificadas neste estudo.

Nesse sentido, compreendeu-se que a relação de namoro é um processo proximal para as(os) adolescentes, pois engloba as interações complexas, duradouras e bidirecionais que a pessoa estabelece no curso do seu desenvolvimento com outras pessoas (parceria), objetos (tecnologia por meio de dispositivos eletrônicos, como *smartphones*) e símbolos (crença

pessoal no amor romântico) em seu ambiente imediato, que podem gerar efeitos de disfunção, descritos anteriormente, ou de competência, como os apresentados na próxima categoria.

Entendimentos sobre Namoro Saudável

Foram exploradas algumas características do namoro saudável entre as(os) adolescentes entrevistadas(os), pois entende-se a importância de lançar luz sobre o fenômeno da violência e suas implicações para as relações afetivo-sexuais, bem como faz-se relevante construir reflexões sobre relações saudáveis e promotoras de desenvolvimento. Essas podem ser consideradas disposições/forças organizadoras e processos proximais que geram competência e aquisição de conhecimentos. Os traços mais elencados foram: confiança, privacidade, fidelidade, respeito, honestidade, limites, comunicação e amizade.

Ser honesto um com o outro cria mais confiança, respeito e fidelidade. A gente se entender e ser melhor amigo do outro (...)

Controle também, por exemplo, porque tem algumas brigas, mas você tem que ter controle para não explodir, não gritar. (João Cabral, 18 anos)

Privacidade faz parte do namoro saudável. Tem coisas que mulheres conversam que só pertence às mulheres. E a privacidade já puxa o que? Já puxa confiança, que puxa o que? O respeito. (Lia de Itamaracá, 18 anos)

Resultados semelhantes foram encontrados por Flach e Deslandes (2021) como confiança, individualidade e intimidade/privacidade, que figuram valores essenciais para o namoro. O diálogo foi o meio idealizado pelos participantes como forma de lidar com dúvidas e discordâncias. Para o *Love is Respect* (2019) e o *One Love Foundation* (2020), tais elementos são evidenciados como imprescindíveis para a construção de um relacionamento amoroso saudável. Não observamos questões ligadas à violência sexual nesta pesquisa; pelo contrário, existiram verbalizações que remetem respeito ao tempo do outro e negociação sobre toques íntimos não autorizados.

Com base nas concepções de Santos (2019), verificou-se que fatores como engajamento, reciprocidade nas relações, complexidade crescente e período regular de tempo desempenham um papel significativo na manutenção dos processos proximais na construção de um relacionamento interpessoal. Além disso, identificou-se a possibilidade de aprimoramento contínuo, o que pode gerar efeitos de competência, sugerindo uma evolução a partir de cada experiência íntima. De maneira geral, as(os) adolescentes demonstraram que a prontidão para o diálogo entre o casal é de vital importância para evitar conflitos, muito embora não tenha sido uma habilidade transformada em ação para alguns deles. Em uma das narrativas, foi utilizada a metáfora de um copo transbordando, em alusão à possibilidade de evitar conflitos, utilizando a comunicação de sentimentos de ambos.

Aprendizagens e Influências Positivas das Relações Amorosas

Ao analisar o tempo/cronossistema, constatamos que, ao longo dos anos, o namoro também promoveu a descoberta de sentimentos bons e experiências que proporcionaram momentos de aprendizagens, em consonância com Bronfenbrenner (2011). Um dos adolescentes expressou a magnitude ao perceber que aprendeu com a namorada a dizer “Eu te amo”, no relacionamento que durou mais de dois anos. Tal aprendizagem e descoberta revelaram-se relacionados à sua história familiar e de vida. Para alguns/algumas adolescentes, a primeira relação vivida em um período maior de tempo – namoro e ficar “ficando” – proporcionou reconhecer comportamentos relacionados à “imaturidade” do casal, por não haver conhecimento sobre como enfrentar questões do relacionamento: “Eu já namorei, e se eu errei aqui nisso, agora eu vou acertar, como se com minha ex-namorada fosse só um teste e com a atual é o certo. Se eu errei, desconfiando muito com ela, quero ser melhor” (João Cabral, 18 anos); “No namoro de agora, a gente criou uma estratégia pra nenhum dos dois ficar chateado quando não puder atender o telefone: só mandar uma mensagem antes dizendo: ‘urgente’ antes de ligar” (Adélia Prado, 18 anos).

Observa-se que o componente tempo comporta as mudanças do próprio indivíduo em sua história de vida (Bronfenbrenner, 2011). Certos relatos remetem ao reconhecimento do comportamento como a insegurança, referindo-se a uma possível infidelidade corriqueira em um relacionamento passado. Ainda, no namoro atual, observa-se a tentativa, o movimento de fazer algo diferente no tempo decorrido (Nunes & Morais, 2018) entre um relacionamento e outro, o que se torna importante para o surgimento de um novo sentido, bem como no estabelecimento de novos processos proximais.

Considerações Finais

Este estudo objetivou compreender as experiências de violência no namoro entre adolescentes, a partir da perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. Por ser um fenômeno humano complexo, identificou-se que a violência, em suas diversas possibilidades de expressão, atravessou as relações de namoro das/dos adolescentes que participaram desta pesquisa. Apesar da espontaneidade demonstrada ao verbalizar sobre as tipologias que mais ocorrem no namoro, as(os)

adolescentes nem sempre nomearam esse fenômeno como “violência”, o que parece reforçar a ideia de naturalização e legitimação desta, além de sugerir uma dificuldade na construção de contornos mais saudáveis nas relações.

Percebe-se que o namoro foi visto como uma fase da relação amorosa com exclusividade da parceria que antecede ao casamento e o início da própria família, aspectos marcados pela construção social das(dos) adolescentes envolvidos na pesquisa. Para alguns deles, o namoro ou o ficar “ficando” por um tempo maior proporcionou reconhecer comportamentos relacionados à “imaturidade” do casal por não saber enfrentar questões do relacionamento, mas que foram experiências significativas levadas para relacionamentos posteriores. Reconheceram as expressões física e psicológica; a violência digital não foi citada, apesar de terem relatado comportamentos de controle e vigilância atrelados ao uso do celular, aplicativos de troca de mensagens (*WhatsApp*) e redes sociais (*Instagram* e *Facebook*). Tais comportamentos foram vistos pelas/pelos adolescentes como sinônimo de confiança e controle da fidelidade, motivados pela insegurança no manejo da relação amorosa. O compartilhamento de senhas, controle de postagens e curtidas, ligações e mensagens sucessivas, com o intuito de saber a localização e afazeres da parceria, eram corriqueiros e naturalizados nas relações amorosas, resultando em conflitos, estresse e invasão de privacidade digital.

Em virtude de a pesquisa ter sido realizada ao longo do período da primeira onda da pandemia de COVID-19, foram necessárias adaptações na inserção ecológica: a) na seleção dos participantes – que foram indicados pelos educadores sociais da instituição, levando em consideração a disponibilidade individual e desejo de participar de uma pesquisa presencial no momento do cenário pandêmico – o que pode ter levado ao viés de seleção; e b) na participação de atividades promovidas pela ONG, como rodas de conversa e oficinas, as quais estavam suspensas nesse período. Ainda assim, as adaptações não impediram o desenvolvimento da inserção ecológica.

Ainda que diante de adaptações motivadas pelas condições de saúde pública adversa, a pesquisadora foi marcada por comportamentos de receptividade e não houve desistência por parte das(os) participantes, o que indica uma relação mesossistêmica positiva entre família, adolescentes e a instituição, bem como sugere a importância do espaço de escuta ofertado aos participantes, sobretudo no momento pandêmico. Ademais, o engajamento – processos proximais – das(os) adolescentes com a pesquisadora foi revelado por meio de narrativas densas sobre suas histórias de vida.

Para futuras investigações, recomenda-se a compreensão da dinâmica relacional de namoro e da violência na população LGBTQIA+, além de melhor aprofundamento relacionado à bidirecionalidade da violência nas relações íntimas entre adolescentes. Admitindo a violência no namoro como um fenômeno complexo e multifacetado, parece urgente a construção de políticas públicas nacionais que atuem em diferentes níveis: individual, familiar, escolar, espaços de formação profissional, comunitário, entre outros. As ações de enfrentamento podem ser concretizadas por meio de oficinas, rodas de conversa com temáticas voltadas para a violência e relações saudáveis, sinalizando a potência silenciosa da violência, naturalizada, como parte integrante do relacionamento amoroso entre adolescentes.

Referências

- Andrade, T. A., Sampaio, M. A., & Donard, V. (2020). Análise da produção científica sobre a violência digital no namoro entre adolescentes: Uma revisão sistemática. *Psico*, 51(4), 1-14. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2020.4.34318>
- Barth, B., Wagner, A., & Levandowski, D. C. (2017). Descrição cronológica das manifestações amorosas de adolescentes do Sul do Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 19(3), 287-301. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v19n3p287-301>
- Basile, K. C., Clayton, H. B., DeGue, S., Gilford, J. W., Vagi, K. J., Suarez, N. A., Zwald, M. L., & Lowry, R. (2020). Interpersonal violence victimization among high school students - Youth risk behavior survey, United States, 2019. *MMWR Supplements*, 69(1), 28-37. <https://doi.org/10.15585/mmwr.su6901a4>
- Borges, J. L., Heine, J. A., & Dell’Aglío, D. D. (2020). Personal and contextual predictors for adolescent dating violence perpetration. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(2), 438-469. <https://doi.org/10.14718/acp.2020.23.2.16>
- Bonell, C., Taylor, B., Berry, V., Priolo, S. R., Filho, Rizzo, A., Farmer, C., Hagell, A., Young, H., Orr, N., Shaw, N., Chollet, A., Kiff, F., Rigby, E., & Melendez-Torres, G. J. (2023). Re-orientating systematic reviews to rigorously examine what works, for whom and how: Example of a realist systematic review of school-based prevention of dating and gender violence. *Research Synthesis Methods*, 14(4), 582–595. <https://doi.org/10.1002/jrsm.1644>
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (2006). The bioecological model of human development. In: R. M. Lerner, & W. Damon (Eds.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (pp. 35-52). John Wiley & Sons.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: Tornando seres humanos mais humanos*. Artmed.

- Carvalho-Barreto, A., Bucher-Maluschke, J. S. N. F., Almeida, P. C., & Souza, E. (2009). Desenvolvimento humano e violência de gênero: Uma integração bioecológica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 86–92. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000100012>
- Center for Disease Control and Prevention [CDC]. (2021). *Preventing teen dating violence*. https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/ipv/TDV-factsheet_2022.pdf
- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G. (2006). Violência: Um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1163–1178. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007>
- DeGue, S., Le, V. D., & Roby, S. J. (2020). The dating matters® toolkit: Approaches to increase adoption, implementation, and maintenance of a comprehensive violence prevention model. *Implementation Research and Practice*, 1, 1–12. <https://doi.org/10.1177/2633489520974981>
- Flach, R. M. D., & Deslandes, S. F. (2021). Love “contract” rules/breaches: The role of digital abuse. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(Suppl. 3), 5033–5044. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.34242019>
- Koller, S. H., Raffaelli, M., & Morais, N. A. (2020). From theory to methodology: Using ecological engagement to study development in context. *Child Development Perspectives*, 14(3), 157–163. <https://doi.org/10.1111/cdep.12378>
- Lapierre, A., Paradis, A., Todorov, E., Blais, M., & Hébert, M. (2019). Trajectories of psychological dating violence perpetration in adolescence. *Child Abuse & Neglect*, 97(104167), 1–13. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2019.104167>
- Leme, V. B. R., Prette, Z. A. P. D., Koller, S. H., & Prette, A. D. (2016). Habilidades sociais e o modelo bioecológico do desenvolvimento humano: Análise e perspectivas. *Psicologia & Sociedade*, 28(1), 181–193. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015aop001>
- Lordello, S., & Costa, L. F. (2015). Quando o príncipe vira sapo: Identificando os sinais da transformação. In: S. G. Murta, J. S. N. F. Bucher-Maluschke, & G. R. S. Diniz (Eds.), *Violência no namoro: Estudos, prevenção e psicoterapia* (pp. 53–73). Appris.
- Love is Respect. (2019). *Huddle up for health relationships: 2019 teen dating violence awareness month toolkit*. https://www.loveisrespect.org/wp-content/uploads/2019/01/Huddle_Up_Print.pdf
- Lucio-López, L. A., & Pietro-Quezada, M. P. (2014). Violencia en el ciberespacio en las relaciones de noviazgo adolescente: Um estudio exploratorio en estudiantes mexicanos de escuelas preparatorias. *Revista Educacion y Desarrollo*, 31, 61–72. https://www.cucs.udg.mx/revistas/edu_desarrollo/anteriores/31/31_Lucio.pdf
- Martínez-Gómez, J. A., Bolívar-Suárez, Y., Rey-Anaconda, C. A., Ramírez-Ortiz, L. C., Lizarazo-Ojeda, A. M., & Yanez-Peñúñuri, L. Y. (2021). Esquemas tradicionales de roles sexuales de género, poder en las relaciones y violencia en el noviazgo. *Revista Iberoamericana de Psicología y Salud*, 12(1), 1–16. <https://doi.org/10.23923/j.rips.2021.01.041>
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. Hucitec.
- Minayo, M. C. S., Assis, S. G., & Njaine, K. (2011). *Amor e violência: Um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros*. Fiocruz.
- Nunes, M. C. A., & Morais, N. A. (2018). Gravidez pós-estupro: Considerações com base na abordagem bioecológica do desenvolvimento humano. *Contextos Clínicos*, 11(3), 285–296. <https://doi.org/10.4013/ctc.2018.113.01>
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., & Oliveira, R. V. C. (2011). Violência nas relações afetivo-sexuais. In: M. C. S. Minayo, S. G., Assis, & K. Njaine, (Eds.), *Amor e violência: Um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros* (Cap. 4, pp.87–139). Fiocruz. <https://doi.org/10.7476/9788575413852>
- One Love Foundation. (2020). *10 signs of a healthy relationship*. <https://www.joinonelove.org/wp-content/uploads/2020/09/10-Signs-of-a-Healthy-and-Unhealthy-Relationship-English.pdf>

- Paludo, S. S., Barbosa, T. P., & Barum, A. (2021). A violência contra a mulher na perspectiva bioecológica. In: J. C. Zamora, & L. F. Habigzang (Eds.), *Contribuições da psicologia para enfrentamento à violência contra mulheres: Aportes teóricos e práticos* (Cap. 2, pp. 51-73). Dialética.
- Peralta, M. V., Fonseca-Pedrero, E., Bravo, L. G., & Piñeiro, M. P. (2019). Invisibilización de la violencia en el noviazgo en Chile: Evidencia desde la investigación empírica. *Perfiles Latinoamericanos*, 27(54), 1-31. <https://doi.org/10.18504/pl2754-012-2019>
- Rey-Anacona, C. A., & Martínez-Gómez, J. A. (2021). Variables associated with dating violence victimization in colombian adolescents. *Pensamiento Psicológico*, 19(1), 1-26. <https://doi.org/10.11144/Javerianacali.PPSI19.vadv>
- Rosa, E. M., & Tudge, J. R. H. (2017). Teoria bioecológica do desenvolvimento humano: Considerações metodológicas. In: A. C. G. Dias, & E. M. Rosa (Eds.), *Metodologias de pesquisa e intervenção com crianças, adolescentes e jovens* (pp. 17-43). EDUFES.
- Santos, T. M. (2019). *Prevenção à violência no namoro: Avaliação de necessidades e desenvolvimento de intervenções*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UNB. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35429>
- Sánchez, L., Gutiérrez, M. E., Herrera, N., Ballesteros, M., Izzedin, R., & Gómez, A. (2011). Representaciones sociales del noviazgo, em adolescentes escolarizados de estratos bajo, médio y alto, en Bogotá. *Revista de Salud Pública*, 13(2), 79-88. http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S012400642011000100007
- Sanhueza, T., Lessard, G., Valdivia-Peralta, M., & Bustos-Ibarra, C. (2022). Points of view of Chilean adolescents about asking for help and suggestions to prevent dating violence based on an ecological systems theory. *Open Journal of Social Sciences*, 10(1), 458-477. <https://doi.org/10.4236/jss.2022.101034>
- Souza, W. G. G., Lordello, S. R. M., & Murta, S. G. (2022). “Eu quero um amor”: Violência no namoro e medida socioeducativa. *Revista Polis e Psique*, 12(1), 211-238. <https://doi.org/10.22456/2238-152X.112387>
- Turato, E. R. (2008). *Tratado de metodologia de pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Editora Vozes.

Como citar:

Andrade, T. A., Sampaio, M. A., Donard, V., & Moraes, P. M. (2025). Violência no Namoro entre Adolescentes: Uma Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano. *Revista Subjetividades*, 25(1), e14147. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25i1.e14147>

Endereço para correspondência:

Thaís Afonso Andrade
E-mail: t.afonsoandrade@yahoo.com

Marisa Amorim Sampaio
E-mail: marisa.sampaio@unicap.br

Véronique Donard
E-mail: veronique.donard@unicap.br

Priscilla Machado Moraes
E-mail: priscillamoraes.contato@gmail.com



Recebido em: 19/12/2022.

Aceito em: 16/08/2024.